

A coesão textual na tessitura do texto: a referenciação como artifício de construção de objetos discursivos

Marly de Fátima Gonçalves Tavares Biezu¹, Aparecida Feola Sella.²

¹Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

²Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

biezus@bol.com.br, afsella1@yahoo.com.br

Resumo. *Justifica-se o presente trabalho de pesquisa pela necessidade de se estudarem os elementos referenciais na construção do texto. O ensino da língua reclama resultados de práticas efetivas, significativas e contextualizadas para que o leitor seja capaz de interagir com os textos. Essa interação pauta-se, entre outras tantas habilidades, no reconhecimento das funções dos elementos lingüísticos que os deixam coesos e coerentes. A referenciação segundo Koch (2005) é um recurso que assinala uma forma particular de retratar conhecimento de mundo. O ensino da língua, nessa ótica, rende um olhar múltiplo nos elementos lingüísticos que colaboram para a tessitura do texto e a referenciação um exercício de construção de juízos de valor, de opiniões, e também de desvelamento do entendimento do produtor do texto. Este trabalho consiste em analisar as estratégias de referenciação do conto O Cinturão, de Graciliano Ramos. A referenciação é tida, então, como parte integrante da coesão textual, estudada no âmbito da lingüística textual, a qual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Intenciona – se não só possibilitar ao leitor o entendimento de como os textos, produzidos em língua escrita, contam com o aparato da referenciação para construção de objetos discursivos, mas também criar situações em que os leitores tenham oportunidades de refletir sobre os textos, que lêem e/ou escrevem.*

Abstract. *It is justified this research by the need of studying the referential elements in the construction of the text. The teaching of the language calls results of effective, significant and contextualized practices so that the reader is able to interact with the texts. This interaction orients, among many other skills, in recognition of the role of language elements that give to the texts cohesive and consistent. The referenciation according to Koch (2005) is a feature that marks a particular form of knowledge of the world portrayed. The teaching of the language in that perspective, earns a multiple look in the language elements that contribute to the sewing of the text and referenciation a practice of building value judgments, of opinions, and also unveiling of the producer's understanding of the text. This work is to analyze the strategies of reference in the short story Um Cinturão, by Graciliano Ramos. The referenciation is taken, then as part of the cohesion text, studied under the language text, which treats the text as an act of communication unified in a*

complex universe of human actions. The target is not only allow the reader an understanding of how the texts, produced in written language, have the apparatus of referenciation for construction of discourse objects, but also create situations in which readers have opportunities to reflect about the texts, that they read and / or write.

Palavras-chave: referenciação, leitura, objetos discursivos.

1. Introdução

Justifica-se o presente trabalho de pesquisa pela necessidade de se estudarem os elementos referenciais na construção do texto. O estudo desses elementos serve para embasar material teórico a ser utilizado no trabalho com a leitura do conto em sala de aula. O ensino da língua reclama resultados de práticas efetivas, significativas para o aluno e contextualizadas para que ele seja capaz de interagir com os textos, por meio do conhecimento das funções dos elementos lingüísticos, pois são eles que os deixam coesos e coerentes. A presente pesquisa deve-se à insatisfação diante da abordagem feita por muitos materiais didáticos que enfocam o ensino da língua portuguesa como algo puramente gramatical, pautado somente na descrição dos elementos lingüísticos, nas nomenclaturas e nas regras gramaticais da norma padrão, deixando de lado o uso da língua e a reflexão sobre o seu funcionamento.

Intenciona-se possibilitar ao aluno o entendimento de como os textos, produzidos em língua escrita, contam com o aparato da referenciação para construção de objetos discursivos. Para tanto o resgate referencial torna-se um exercício de construção de juízos de valor, de opiniões, de desvelamento do entendimento do texto, mas também de espaço para situações em que os alunos tenham oportunidade de refletir sobre os textos que lêem e/ou escrevem. Nesse sentido, espera-se que o aluno seja capaz de reconhecer as características de cada gênero e tipo de texto, o efeito das condições de produção do discurso na construção do sentido.

Esta pesquisa está embasada nas obras de Koch (2005), Marcuschi (2002), Koch e Elias (2006), Fávero (2006), Mondada (2003), Apothéloz (1995), autores que investigam a referenciação como objeto discursivo. Acredita-se que referenciar, no processo da língua em uso, envolve interação e intenção. É a partir da visão da língua em funcionamento que se afirma estar o processo de referenciação relacionado à própria constituição do texto em que uma rede de referentes são introduzidos como *objetos de discurso* (Apothéloz e Reichler-Béguelin: 1995).

As análises aqui realizadas baseiam-se no pressuposto de que a língua é um domínio que serve para a construção simbólica e interativa do mundo. Assim estuda-se como o discurso constrói seus mundos. Para demonstração de análises ainda iniciais da presente pesquisa, escolheu-se o conto *O cinturão*, de Graciliano Ramos, para verificar como a referenciação liga entidades definidas e indefinidas, e como os interlocutores manipulam os referentes num processo de negociação próprio do universo discursivo.

2. Sobre a coesão referencial

A coesão contribui para conferir textualidade a um conjunto de enunciados. Perceptível no nível microtextual, refere-se ao modo como os vocábulos se relacionam dentro de

uma seqüência. É importante lembrar que a coesão pode auxiliar no estabelecimento da coerência, embora, às vezes, a coesão nem sempre se manifeste explicitamente por meio de marcas lingüísticas, o que faz concluir que pode haver textos coerentes mesmo que não tenham coesão explícita.

Segundo Koch (1997) a coesão é o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos estão presentes na superfície textual, se encontram entrelaçados por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências pelas quais vinculam sentido. Por meio, então, de elementos lingüísticos pode-se tecer informações, entrelaçando-as, formando assim um texto coerente e coeso.

Marcuschi (1983) também define os fatores de coesão como “*aqueles que dão conta da seqüenciação superficial do texto*”. Este autor também concorda que os elementos lingüísticos é que formam o sentido do texto através da tessitura formada.

Mondada e Dubois (2003), ao tratarem sobre referenciação privilegiam a relação entre as palavras e as coisas, defendem uma abordagem diferenciada em relação aos elementos lingüísticos e o sujeito presentes no texto. Portanto uma visão dinâmica precisa ser considerada, que leve em conta um sujeito socialmente constituído, que tem uma relação direta entre os discursos e o mundo, capaz de adequar seus discursos a cada situação, a cada finalidade comunicativa, criando e recriando suas atividades sociais de acordo com as versões do mundo publicamente elaboradas. Tal mudança de perspectiva é assinalada pela substituição do termo *referência* por *referenciação*, visto que o processo de referenciar é concebido como uma atividade de linguagem realizada por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem *mundos textuais* cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são *objetos-de-discurso*

A sucessão de coisas ditas ou escritas forma uma cadeia que vai muito além da simples seqüencialidade: há um entrelaçamento de informações e mensagens que se tornam coesas perante os mecanismos lingüísticos que estabelecem a conectividade, a retomada e garantem a coesão. São os referentes textuais que atuam no texto. Os objetos discursivos vão estabelecendo relações de sentido e significado tanto com os elementos que os antecedem como com os que os sucedem, construindo uma cadeia textual significativa. Essa coesão, que dá unidade ao texto, vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico, como no da gramática.

Koch (2006) afirma que a referenciação constitui uma atividade discursiva. Dessa maneira, postula-se uma visão não-referencial da língua e da linguagem, o que possibilita criar uma instabilidade das relações entre as palavras e as coisas. Sendo assim, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas pela forma como sociocognitivamente interagimos com ele. A autora afirma ainda que o discurso é, ao mesmo tempo, tributário de sua construção e constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, alimentada pelo próprio discurso. Logo, admite-se que os objetos do discurso são dinâmicos: podem ser modificados, desativados, recategorizados etc. E neste viés, então, a discursivização ou a textualização é uma (re) construção do real e não um simples processo de elaboração da informação, conforme comenta Koch (2006).

A referenciação é a definição das formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando os referentes apontam para frente ou remetem para trás, ou servem de base para novas referências tem-se a progressão referencial. A referenciação é tida então como uma atividade discursiva, pois as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos em função de um querer-dizer (Koch e Elias, 2006). E nesse processo de interação vão se construindo os objetos-de-discurso.

Para a construção dos referentes textuais Koch e Elias listam as seguintes estratégias:

- *Introdução* (construção): quando um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, deixando-o em destaque.

- *Retomada* (manutenção): quando um “objeto” que já está presente no texto é reativado através de uma forma referencial, mantendo em foco o objeto-de-discurso.

- *Desfocalização*: um novo “objeto” é lançado ao texto, atraindo para si o foco.

Os referentes podem ser modificados ou expandidos, e durante todo o processo de compreensão o leitor cria uma seqüência representativa que lhe dará informações acerca de categorização e avaliações dos referentes, o que o auxiliará na interpretação do texto.

Koch e Elias (2006) apontam dois tipos de processos de introdução de referentes textuais: ativação “ancorada” e “não-ancorada”. Denomina-se “não-ancorada” quando um “objeto” novo é apresentado no texto, e “ancorada” quando um “objeto” novo é apresentado, mas está associado com elementos já presentes no texto. Nas ativações “ancoradas” têm-se as anáforas (indiretas e associativas) e as catáforas, constituindo as remissões para trás e para frente, respectivamente.

A retomada é a operação responsável pela manutenção do foco em objetos já introduzidos, dando origem às cadeias referenciais responsáveis pela progressão referencial do texto; já as expressões nominais referenciais desempenham funções cognitivo-discursivas importantes na construção do sentido do texto. Dentre essas funções tem-se a ativação/reativação na memória. Quando a remissão se dá a elementos já mencionados ou sugeridos pelo co-texto, elas ativam a memória do interlocutor. Quando há uma recategorização ou refocalização do referente, elas têm função predicativa, pois traz informação nova.

Outra função é o encapsulamento (sumarização) e a rotulação, função específica das nominalizações que funcionam como um sintagma resumidor para uma expressão precedente do texto, resumizam informações já mencionadas, encapsulando-as numa expressão nominal.

As formas remissivas têm função importante, pois informam a seqüência lógica das argumentações do autor do texto. Elas cumprem a função de introdução, de mudança ou desvio de tópico e também de ligação entre tópicos. Tudo isso acontece sem que a continuidade lógica se perca e cada informação nova é acoplada a uma antiga e assim vai se formando a construção do texto, através da retroação e da progressão.

A retroação, as retomadas também podem se efetuar pela utilização de um hiperônimo. Este, com função anafórica, retoma um termo pouco usual utilizando os

conhecimentos do interlocutor para esclarecê-lo. Há ainda a especificação por meio de seqüência hiperônimo/hipônimo, é a anáfora especificadora sendo utilizada quando se faz necessário um maior refinamento da categorização, ela é geralmente introduzida pelo artigo indefinido, e permite anexar informações novas ao objeto-de-discurso.

Outra estratégia são as paráfrases anafóricas que podem ser deficionais ou didáticas. Essas paráfrases utilizando expressões nominais têm a função de elaborar definições. Quando isso ocorre retomando um objeto-de-discurso tem-se a definicional, o termo a ser definido foi previamente mencionado e por meio de uma anáfora registra-se sua definição. Geralmente aparecem com expressões como *um tipo de, uma espécie de*. Já na didática, a definição é registrada e depois a expressão referencial a retoma, com sintagma mais abrangente. É um recurso de introduzir um vocábulo técnico de modo mais direto, mais conciso.

Devido a enorme variedade de funções que desempenham as expressões referenciais, percebe-se a sua importância tanto na progressão textual como na construção de sentido dos textos. São essas funções que serão verificadas na análise abaixo.

3. Uma tentativa de análise

O presente estudo não abrange as características de toda grandiosa obra de Graciliano Ramos, mas somente o conto *Um Cinturão*, para verificar como Graciliano utiliza a referenciação na construção de seu texto. De forma geral, as obras de Graciliano caracterizam-se pelo inter-relacionamento entre as condições sociais e a psicológica das personagens, ao que se soma uma linguagem precisa, “enxuta” e despojada, de períodos curtos, mas de grande força expressiva.

O conto *Um Cinturão* retrata as experiências infantis do menino-narrador. Todo o conto se centra no menino e na violência que enfrentou. O segundo parágrafo inicia-se com a narrativa de uma experiência com a violência que marcou o narrador. Utiliza-se o processo da metáfora, personificação e polissemia para iniciar seu relato: *Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas*. O narrador relaciona os efeitos causados pela *corda* no plano das ações instigadas, como se a corda agisse. Nesse plano da descrição, estabelece um elo entre polissemia por meio de metáfora, por exemplo. No decorrer do parágrafo tece a cena amarrando-a com a escolha lexical que faz: os golpes; surrou; o procedimento; a flagelação; uma corda nodosa; o nó, ele (o nó).

Observa-se nesse parágrafo cinco entradas de referenciação, conforme descrito no quadro a seguir:

a dor	as costas	Moído	Os golpes	uma corda nodosa
manchas sangrentas	nas costelas	me	o procedimento da filha	o nó
lanhos vermelhos		me		ele
<i>menor estrago</i>				
a				

Na primeira coluna, percebe, num processo de gradação, que sintagma *a dor* apresenta-se como conseqüência, diante dos sintagmas interligados, o que é típico de narrativa, principalmente literária. Nesse sentido, os sintagmas correspondentes revelam retomadas distintas, pois *manchas sangrentas* e *lanhos vermelhos* revelam uma correlação que se demarca por meio do sentido expresso entre resultado e processo. Já o sintagma *a flagelação* sumariza essa relação, enquanto *menor estrago* exprime uma avaliação resultante de todo um encaminhamento posto nos laços informacionais presentes em todo o parágrafo, principalmente aqueles relativos ao estado psíquico do narrador.

Na segunda coluna, percebe-se que, servindo-se do recurso referencial da metonímia, destaca a parte do todo. Embora toda as costas estão feridas, a flagelação maior se concentrou na área das costelas.

Na terceira, percebe-se o recurso da metáfora. Experimentar uma coisa por outra é a essência da metáfora; por meio do vocábulo *moído*, o narrador relaciona seu estado físico, depois de ser flagelado, como se fosse um objeto afetado por uma determinada ação, longe da idéia de ser humano, se considerado o sentido literal. Essa idéia é ainda arrastada no texto por meio do pronome *me*, sem que haja uma elaboração discursiva interna ao processo de nominalização.

Na quarta, para registrar o processo de flagelação, utilizam-se os sintagmas *os golpes*, *os procedimentos da filha*, e *a*. Introduz-se então o objeto discursivo com a expressão *os golpes* e há a remissão por meio dos sintagmas *os procedimentos da filha* e o pronome *a*. A escolha lexical demonstra ao leitor a resignação do narrador perante a violência sofrida, registrando-a como um processo rotineiro.

Na quinta, percebe-se a introdução do instrumento utilizado no processo retratado com os sintagmas *uma corda nodosa*, e as retomadas com os sintagmas *o nó* e *ele*. O uso da referência específica indefinida *uma corda nodosa* não pressupõe unicidade de instrumento, não havia *a corda* como se esse instrumento fosse usualmente utilizado, implica, então, uma interpretação genérica. Nota-se que quando retoma o referente utiliza-se de um sintagma nominal definido pormenorizando ao leitor um detalhe do sintagma *corda*, numa relação meronímica, *o nó*. O pronome pessoal dêitico, utilizado para recuperar o merônimo *o nó*, direciona o leitor para a identificação do instrumento não necessitando de mais descrições.

O terceiro parágrafo do conto desenha o quadro da violenta experiência que o narrador sofre quando criança, a surra que recebeu do pai por causa de um cinturão. A introdução referencial *meu pai* é modificada aos poucos, ao longo do conto, por expressões que têm principalmente valor atributivo como *mão peluda*, *algoz*, *um homem*. Os sintagmas nominais apresentados vão, então, progressivamente, substituindo a concepção inicial de *meu pai*. Na memória discursiva do leitor a figura paterna, socialmente constituída, é acionada na introdução do objeto-de-discurso. Figura esta que não se mantém pois, ao atribuir ao objeto-de-discurso *meu pai* outras características fora das socialmente constituídas, o leitor é desestabilizado e levado a construir novos conceitos para a figura de pai apresentado pelo narrador, e assim elaborar uma representação cognitiva compartilhada com a nova realidade apresentada pelo locutor.

Essa mudança do status informacional do referente foi alterada paulatinamente. Na primeira retomada o pronome pessoal *ele* constitui apenas uma indicação, uma sinalização para o leitor de que o referente está no foco de atenção, ou seja, está ativo.

A segunda reativação se dá por meio de uma relação homonímia representada pelo vocábulo *o homem*, que remete ao vocábulo *pai*. A ativação por meio de uma expressão nominal definida, então, pressupõe compartilhamento de conhecimento por parte de locutor e ouvinte/ leitor.

A ativação seguinte dá-se pelo uso de uma expressão nominal indefinida, pois quando retrata *um homem* não pressupõe sua existência, não pelo menos na condição lançada ao sintagma introdutório *meu pai*.

Quando reativa, então, através do sintagma nominal *a mão peluda*, o uso da descrição nominal definida pelo narrador objetiva-se a identificar o referente, não havendo necessidade de pormenores. Mesmo que ainda não tenha sido mencionada a recuperação de meu pai com o adjetivo *peluda*, mostra que o locutor confere que o leitor/ouvinte reconhecerá na situação discursiva *o mostro*, ou seja, a descrição que traz a respeito do pai. Isso porque o leitor consegue visualizar *uma mão* nas expressões: *arrancou-me, aperto na garganta, arrastou-me, agarrando-me, açoitando-me*.

A retomada seguinte, também por meio de um sintagma nominal definido *o algoz*, recupera, não só o vocábulo *pai*, mas também a experiência relatada como um todo, experiência com a justiça como, o próprio narrador menciona no início do conto. Assim a recuperação do referente se dá por meio das informações do próprio discurso.

Meu pai, da forma como foi introduzido o objeto-de-discurso reapareceu ao longo do texto várias vezes, com lexema idêntico, sem mudanças do determinante, nota-se com isso a intenção de escandalizar o leitor, pois toda atrocidade por que passa o narrador, era obra de seu próprio pai.

Para registrar a surra, o narrador selecionou um léxico que nos guia à ferocidade da cena. Os sintagmas nominais apresentados vão progressivamente substituindo a concepção inicial de surra, apontada pelo narrador, para se transformar em algo atroz. Com interlocução distintas pode-se separar as expressões nominais e o léxico utilizados conforme o quadro abaixo:

<i>a fúria louca</i>	<i>gestos ameaçadores</i>	<i>O suplício</i>	<i>situações desse gênero</i>
<i>modos brutais</i>	<i>uma cólera doida</i>	<i>A mortificação</i>	<i>a horrível sensação</i>
<i>as pancadas</i>	<i>o olho duro</i>	<i>O martírio</i>	<i>o chicote</i>
<i>acoitando-me</i>	<i>fustigar</i>	<i>A flagelação</i>	<i>os golpes</i>
<i>vergastadas</i>	<i>a zanga terrível</i>	<i>Minha tremura infeliz</i>	
<i>os sons duros</i>			

O texto é, então, muito mais do que um simples continente de informações, é um sistema de instruções para a construção conjunta do significado, da interpretação e compreensão da mensagem e através da associação de palavras escolhidas cria a idéia

geral do conto: a violência e as injustiças por que passa o pequeno personagem-narrador.

Na primeira coluna verifica-se as expressões nominais e o léxico escolhidos pelo narrador para levar o leitor a construir a imagem da cena narrada, ver a cena pelo prisma do narrador, a opinião deste, suas crenças, e a partir dessa escolha é permitido ao leitor conhecer os fatos como realmente se desenrolaram, sendo crucial para a interpretação da cena descrita. Nota-se, então, que os vocábulos da primeira coluna estão ligados ao *pai*, a furia deste e sua ação.

Na segunda coluna verifica-se por meio das escolhas do autor, que os sintagmas utilizados para filmar a cena na perspectiva do narrador/personagem atendem aos propósitos comunicativos da narrador, escandalizar o leitor. Pois há o drama presente em cada léxico registrado, na cena 'visualizada' pelo leitor, a crueldade, a ferocidade sofrida pelo personagem.

4. Considerações finais

Graciliano Ramos, utilizou com maestria o recurso da referenciação em seu conto: Um Cinturão. Percebe-se que os objetos-de-discurso realmente se desenvolvem para a realização de um projeto de dizer, que se constrói intencionalmente. Como se observou, no decorrer da análise, a referência permite acrescentar informações novas ao texto, ancorando-as em informações dadas, já conhecidas. Os referentes, tomados como objetos de discurso, são evolutivos e os usuários da língua podem lançar mão de vários recursos para elaborar e fazer evoluir esses referentes.

Quanto à polêmica abordada no texto, o ensino da língua portuguesa, muito se tem discutido e pesquisado. Questiona-se sobre como ensiná-la, o que enfatizar e o que não é adequado abordar em sala de aula. Muitos estudiosos acreditam que a gramática deva ser ensinada por meio de textos que deveriam ser o ponto de partida para seu ensino. Muitas correntes já criticaram esse uso do texto. Ainda hoje não se chegou a uma conclusão sobre qual seria a melhor maneira de ensinar a língua portuguesa, mas todos têm o mesmo olhar quanto ao produto final do ensino: formar cidadãos letrados que saibam utilizar a língua nos vários momentos de comunicação, e instrumentalizá-los para que produzam e compreendam textos. E a lingüística textual pode nos ser de grande valia nessa empreitada.

5. Referencias e Citações

APOTHÉLOZ, D. & REICHLER-BÉGUELIN M. *Construction de la reference et stratégies de désignation.*, TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique) 23- Du syntagme nominal aux objets-de-discours, 1995.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. RODRIGUES, Bernadete Biasi. CIULLA, Alena. (organizadoras). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. -(Coleção Clássica da Lingüística).

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. (et al.) (org). *Texto e discurso sob múltiplos olhares*: referenciação e outros domínios discursivos. vol.2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 11ª edição. São Paulo, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A Coesão Textual*. 20. ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

_____, Ingedore Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio & KOCH, Ingedore V. *Estratégias de referenciação e Progressão referencial na língua falada*. In: *Gramática do Português Falado*. Vol. VIII: Novos Estudos Descritivos. 1ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP /FAPESP, 2002.

MARCUSCHI, Luis Antonio. *Fenômenos da Linguagem, reflexões semânticas e Discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.